

Para os fãs  
de E. L. James,  
Sylvia Day  
e J. Kenner



# Completamente TUA

Por muito que tentem  
separar-nos, pertencemos  
um ao outro.

**RAINE MILLER**

Autora bestseller do New York Times e do USA Today

TOP  
SEL  
LER

# Prólogo

Julho 2012

Londres

Observo-a. Lembro-me do que era senti-la, de como se movia e falava. Lembro-me de tudo acerca dela.

Mas ela não me vê. A princípio isso incomodou-me, mas agora sei que não é importante porque ela acabará por me ver. Em breve *terá* de me ver.

Foi o destino que a pôs no meu caminho, há muitos anos, e voltou a pô-la quando aquele avião caiu. Nunca me esqueci da doce Brynne Bennett. Nunca. Pensei nela durante anos, só não imaginei que nos voltássemos a encontrar. Sabia que ela partira dos Estados Unidos e se mudara para Londres, mas só quando vi as suas fotografias de modelo percebi o quanto desejava encontrá-la de novo.

Agora encontrei.

Os nossos destinos alinharam-se e todas as peças se encaixaram. Posso cobrar a minha dívida e de caminho reclamá-la para mim. A Brynne merece. É um tesouro, uma joia rara da coroa. Algo para saborear e apreciar durante o tempo que eu quiser.

Todos somos peões. Ela também o é, tanto quanto eu. Peões de um jogo que eu não inventei, mas que posso perfeitamente jogar. Luto por equidade. Esta é uma oportunidade única na vida que eu não deixarei escapar, tal como não a deixarei escapar a ela. A Brynne

é o bônus e eu não vejo a hora de lhe mostrar as saudades que tenho dela e do tempo que passámos juntos.

Devo dizer, em minha própria defesa, que tentei que ela me ajudasse diretamente. Tê-la-ia cortejado e acarinhado e ela ter-se-ia sentido feliz por me voltar a ver. Tenho a certeza disso. Aqueles sacanas não a mereciam e tiveram o que estavam a pedir. Mas isso agora já não interessa. Eles estão fora da equação, o que é vantajoso para mim. Serei eu finalmente o único a colher os benefícios.

Agora, o Blackstone é outra história. Aquele estupor apareceu, arrebanhou-a e levou-a para o seu mundo. Eu sei que ele lhe deu a volta à cabeça com a boa aparência e o dinheiro, o que é uma pena, porque sem ele, tudo teria corrido sobre rodas.

O Blackstone arruinou os meus planos iniciais, mas nem tudo se perdeu. Tenho de reconhecer que tem bons instintos. Eu julgava que a tinha no papo quando ele saiu para fumar, nas traseiras do edifício, naquela gala de caridade. Mal podia acreditar na minha sorte. Ele lá fora e ela lá dentro. O alarme disparou à hora exata. O meu único erro foi não esperar que ele tivesse o telefone dela consigo. Isso foi sem dúvida uma surpresa. Ainda assim, eu queria que ele soubesse da minha existência. Devia saber, pois eu tivera-a anos antes de ele a ter.

Depois aconteceu algo que deve ter jogado a seu favor. Não sei ao certo porquê, mas a Brynne não estava onde deveria estar e não saiu como deveria ter saído. Se ela estivesse em posse do telemóvel, na altura em que a minha mensagem chegou, tenho a certeza de que estaríamos agora juntos, a prosseguir o que interrompêramos há sete anos.

Perdi-a no meio da confusão... e de caminho perdi também a minha preciosa oportunidade. Foi muito desagradável para mim. Alguém terá de ser punido para reequilibrar as coisas e devolvê-las ao seu legítimo lugar. Mas isso não é problema. A seu tempo tudo correrá como eu quero.

O Blackstone tem-na bem protegida, agora, mas eu também estou a tratar dele. Ele não tem todas as respostas e eu farei o necessário para o confundir um pouco mais. É a minha especialidade.

Não, não vou desistir. Tenho ainda alguns trunfos na manga, e sei ser muito paciente. Tenho tempo de sobra para avançar, e estou cada vez mais perto.

*Cada vez mais perto.*

Na altura não sabia, mas aqueles idiotas acertaram em cheio na canção<sup>1</sup>. É perfeita, absolutamente perfeita.

---

<sup>1</sup> *Cada vez mais perto*, em inglês *Closer*, é uma referência à canção dos Nine Inch Nails com o mesmo nome, do álbum *The Downward Spiral* de 1994. [N. do E.]

## Capítulo 1

O Ethan controlava o meu corpo, de olhos pregados nos meus. Agarrara-me firmemente nas ancas e preencheram-me com o seu pênis grosso, movendo-se dentro de mim, beijando-me e mordiscando-me a pele com os dentes.

Tudo isto vinha do homem que derrubara os muros que eu própria erguera e me aprisionara. Eram exercícios de tato e de prazer, uma forma de cimentar a nossa ligação e de me manter perto dele. Era a sua forma de fazer as coisas, embora não tivesse motivo para se preocupar.

O Ethan conquistara-me.

Apesar de toda a confusão dessa noite, tinha-me nos seus braços, por baixo do seu corpo e assumira o comando com a sua energia dominadora, como sempre, desde o início. Protegendo-me. A noite em que me convencera a entrar no seu carro, na rua, os telefonemas que me fez depois, exigindo que o aceitasse, eram apenas o início da minha jornada, na descoberta de Ethan Blackstone. Um homem que revelou ser muito mais do que eu imaginava nessa altura.

Eu não ia a lado nenhum. Estava apaixonada por ele.

— Quero ficar dentro de ti toda a noite — disse ele, num tom de voz rouco. Os seus olhos azuis cintilavam ao luar, ao mover-se. O seu corpo agigantou-se sobre o meu, manipulando-o de todas as formas possíveis. A luz que entrava pela janela da varanda refletia-se nos nossos corpos nus. Ele recorria a tudo: mãos, boca, pênis, língua, dentes, dedos.

O Ethan costumava dizer-me coisas daquelas durante o sexo. Coisas chocantes que me deixavam ao rubro, que alimentavam a minha confiança, revelando-me o quanto ele me desejava. Era precisamente disso que eu precisava. O Ethan era a minha resposta, e sabia exatamente o que eu mais desejava. Não faço ideia de como conseguia entender-me tão bem, mas que entendia e a noite de hoje era uma clara confirmação disso mesmo. Parece que poderia finalmente admitir que precisava de outra pessoa para ser feliz.

E essa pessoa era o Ethan.

Abrira-me finalmente a alguém, o que comprometera seriamente a dura carapaça que protegia o meu coração. O Ethan conseguira-o. Esforçara-se comigo, pressionara-me e exigira a minha atenção. Nunca desistira de mim e amava-me apesar de eu ser um poço de problemas emocionais. Ele fizera tudo isso por mim e eu podia agora regozijar-me pelo facto de ser amada por um homem que eu também amava.

— Olha para mim, amor — ordenou-me num sussurro áspero. — Tu sabes que eu tenho de te olhar nos olhos quando te estou a possuir! — Levou a mão ao meu cabelo e puxou-o, embora nunca me magoasse ao fazê-lo. Ele sabia exatamente como o puxar e estava bem consciente de que isso me enlouquecia. Eu sabia que ele precisava de que eu o olhasse nos olhos, e fixei aqueles olhos azuis, ardentes, com toda a minha energia.

Mas o Ethan sabia mais sobre mim do que eu acerca dele.

— Quero que te venhas primeiro! — disse ele, de dentes cerrados, penetrando-me com força e descobrindo dentro de mim o ponto sensível, necessário à concretização da sua diretiva.

Senti a pressão crescer dentro de mim e deixei-me levar até esse ponto de perfeito êxtase, presa debaixo do corpo do Ethan, enterado no meu, com aqueles olhos azuis a escassos centímetros dos meus. Ao sentir o orgasmo a percorrer-me o corpo, cobriu-me a boca e preencheu outra parte de mim, forçando-me a aceitá-lo mais completamente e aprofundando a nossa união.

Ele veio-se segundos depois. Eu sabia sempre quando ele estava à beira do orgasmo, porque o seu pénis enrijecia incrivelmente, mesmo antes de se vir. Era uma sensação do outro mundo e era imensamente revigorante. O facto de lhe provocar essa reação, o facto de sentir que podia provocar essa sensação noutra pessoa desencadeava algo em mim. Algo que me curava um pouco, de cada vez que acontecia. A minha mente estava a recuperar de dia para dia, graças ao Ethan e à forma como me demonstrava o amor que sentia por mim, o que me dava alguma esperança de poder ser feliz e viver uma vida normal.

O Ethan dera-me essa possibilidade.

— Diz as palavras, amor — sussurrou ele, asperamente, mas eu senti nessa ousadia alguma vulnerabilidade. O Ethan sofria das mesmas inseguranças de qualquer outro mortal.

— Serei sempre tua! — disse-o do fundo do coração, ao senti-lo explodir dentro de mim.

Quando abri os olhos, um pouco mais tarde, percebi que dormitara um pouco. Ethan movera-nos de forma a ficarmos cada um de seu lado, mas estávamos ainda unidos. Ele gostava de ficar enterrado dentro de mim durante algum tempo, depois do orgasmo. Eu não me importava, porque sabia que era algo que ele desejava e adorava fazê-lo feliz.

Só gostava que ele me revelasse mais acerca do seu lado negro. Ele tinha receio de falar no assunto, e embora isso me incomodasse, entendia de alguma forma o seu medo. Interrogava-me frequentemente se a sua necessidade de me tocar e de me possuir tão completamente durante o sexo, e também depois, teria alguma coisa a ver com o período em que fora prisioneiro. *Eles torturaram-no, marcaram-no e feriram-no*. Doía-me só de recordar o estado em que ele ficara naquela noite, ao acordar, em pânico, com um pesadelo.

Passei-lhe os dedos pelo ombro e pelas costas, imaginando as asas de anjo da sua tatuagem e a frase por baixo delas. Senti

também as cicatrizes. O Ethan abriu os olhos e fitou-me com uma expressão dura.

— Porquê asas? São lindas, sabes?

— As asas lembram-me a minha mãe — disse ele, instantes depois —, e cobrem uma boa parte das cicatrizes.

Inclinei-me para a frente e beijei-lhe suavemente os lábios. Depois aninhei o seu queixo nas mãos e decidi arriscar. Não queria que ele se assustasse ao ponto de evitar falar comigo, mesmo que estivesse com disposição para isso, mas tinha de voltar a tentar, mais tarde ou mais cedo.

— E a citação? Porquê essa em especial?

Ele encolheu os ombros e sussurrou:

— Acho que morri um pouco esta noite.

Acabara-se a abertura. Não iria falar de nada. Ele não queria remexer mais no passado. Dava para perceber isso.

— Como assim morreste um pouco?

— Quando não te consegui encontrar depois de receber aquela mensagem no teu telefone. — Passou-me um dedo pela face e pelos lábios, muito ao de leve, e eu senti um arrepio pelo corpo todo.

— Bom, mas acabaste por me encontrar e aqui ninguém morre, meu caro senhor. Isso estragaria por completo a festa — disse eu, no gozo, para aligeirar os ânimos, mas não parecia estar a resultar. Quando o Ethan estava num estado de espírito sombrio dificilmente saía dele.

— Ainda bem que te sentes melhor. — Fez uma pausa e impeliu as ancas para a frente, com outra ereção, penetrando-me bem fundo. — Porque precisava muito de fazer isto contigo.

— Aqui me tens — murmurei contra os seus lábios. Ele ergueu-me as pernas sobre os seus ombros e assumiu o comando, oferecendo-me mais uma ronda de prazer. Uma vez raramente era o suficiente para ele.

O Ethan fazia-me sentir desejável, bonita e sexy, pelas coisas que me dizia, pela forma como o seu corpo tocava o meu, quando



fazíamos amor, e depois, quando me apertava contra si, como se eu fosse preciosa.

Alguém me queria, apesar de tudo o que me acontecera no passado. Alguém estava disposto a lutar por mim. Eu era importante para alguém. Para o Ethan, pelo menos, era e o poder contido nessa evidência poderia modificar uma vida.

O tipo de atenção que o Ethan me dedicava era particularmente intenso e fora difícil de aceitar, de início, mas era compatível comigo. O Ethan era compatível comigo. Ele conseguia mostrar-me o amor que sentia por mim e eu estava a sentir, pela primeira vez, alguma esperança em que a nossa relação resultasse. Tínhamos combinado «levar as coisas com calma», logo de início, o que nunca aconteceu. Se assim fosse, não creio que estivesse agora nua na cama com ele, na costa de Somerset, numa mansão inglesa digna de um rei, que por acaso era da irmã dele, tão pouco à beira de mais um magnífico orgasmo naquele momento. Uma mulher tem de se adaptar às circunstâncias.

Tive alguma dificuldade em me levantar, depois daquela segunda ronda de sexo-de-arrepanhar-lençóis, mas lá consegui escapar-me dele para ir à casa de banho lavar-me e preparar-me para dormir. Adorava que ele me estivesse sempre a tocar. Precisava pura e simplesmente disso e o Ethan sabia-o. Esse era um outro aspeto em que éramos emocionalmente compatíveis.

Enchi um copo de água e tomei o comprimido que a Dra. Roswell me receitara para os terrores noturnos. Eu estabelecera uma rotina. Pílula e vitaminas de manhã e o comprimido para dormir à noite, quando me sentia de facto pronta para dormir. Sorri afetadamente ao espelho da elegante casa de banho, que parecia saída do palácio de Buckingham, ao concluir que cama e sono nunca eram sinónimos quando partilhados com o Ethan. Passávamos bastante tempo *acordados* na cama, embora eu não me queixasse.

Não esperava encontrá-lo acordado quando saí da casa de banho, mas ele estava de olhos abertos, a seguir todos os meus

movimentos, quando voltei a deitar-me. Depois, aninhou-me o rosto entre as mãos, algo que fazia frequentemente quando estávamos assim perto um do outro.

— Como é possível que ainda estejas acordado? Deves estar exausto depois de conduzires tantas horas — fiz uma pausa para enfatizar — e depois desta queca soberba...

— Amo-te e jamais te largarei — atalhou ele.

— Então não largues. — Olhei para seus olhos azuis que pareciam queimar-me na penumbra.

— Jamais te largarei — disse ele, num tom um pouco duro e eu senti que ele estava a falar muito a sério.

— Eu também te amo e não vou arredar pé. — Inclinei-me para lhe beijar os lábios, sentindo a já familiar aspereza da sua barba. Ele retribuiu-me o beijo, mas eu percebi que ele tinha mais alguma coisa para dizer, e sentia alguma agitação nele, o que era surpreendente, tendo em conta as vezes que ejaculava dentro de mim.

— A questão é que... é que quero algo de mais permanente entre nós. Preciso de que estejas sempre comigo, para que eu te possa proteger e possamos estar juntos dia... e noite.

Senti o coração acelerar e uns laivos de pânico. É que sempre que eu começava a sentir-me confortável num determinado aspeto da nossa relação, o Ethan exigia mais.

*Ele sempre foi assim...*

— Mas nós agora estamos juntos todos os dias — disse-lhe eu. Ele franziu a testa e semicerrou um pouco os olhos.

— Não é o suficiente, Brynne. Muito menos depois do que aconteceu hoje à noite e daquela mensagem marada, sabe Deus de quem. O Neil está a tentar localizar o número neste preciso instante e acabaremos por chegar ao fundo da questão, mas preciso de algo mais formal que demonstre ao mundo que não estás acessível e és intocável, quaisquer que sejam os propósitos dessa gente em relação a ti.

Senti-o acariciar-me o queixo com os polegares e engoli em seco, tentando imaginar onde estaria ele a querer chegar com aquilo.

— O que entendes por «*formal*»? De que tipo de formalidade estamos a falar? — Meu Deus, estava com a voz trémula e o coração parecia prestes a saltar-me do peito a qualquer momento.

Ele dirigiu-me um sorriso e inclinou-se para mim, beijando-me lenta e suavemente, o que me acalmou um pouco. O Ethan conseguia sempre acalmar-me. Se eu me sentia inquieta ou assustada, ele tinha um jeitinho especial para me reconfortar e me aliviar momentaneamente a tensão.

— Ethan? — insisti, quando ele finalmente afastou o rosto de mim.

— Está tudo bem, amor — disse ele, tranquilizadamente. — Vai tudo correr bem. Eu cuidarei de ti, mas sei o que temos de fazer... sei o que tem de acontecer.

— Sabes?

— Hum-hum. — Rebolou para cima de mim e voltou a segurar-me no rosto. Depois, apoiou-se sobre os cotovelos, e prendeu-me debaixo das suas pernas esculturais, macias e firmes, apoiando-as contra as minhas partes mais macias. — Tenho a certeza, aliás. — Levou os lábios ao meu pescoço, beijando-o até à orelha, depois beijou-me o maxilar, a garganta e a outra orelha. — Tenho a certeza absoluta — sussurrou, entre beijos suaves. — Percebi-o hoje à noite, quando aqui chegámos e vi que estavas a usar isto. — Beijou-me ao fundo da garganta onde repousava o pendente de ametista que ele me oferecera.

— De que é que tens tantas certezas? — Eu estava com uma voz débil, mas as minhas palavras fizeram-se ouvir tão claramente, na curta distância que nos separava, como se lhe tivesse gritado a pergunta.

— Confias em mim, Brynne?

— Sim.

— Amas-me?

— Claro que amo. Tu sabes que sim.

Ele voltou a sorrir-me.

— Nesse caso, está decidido.

— O que é que está decidido? — disse eu, num tom suplicante, contra aquele rosto lindo que me enfeitiçara desde o primeiro instante. Ele estava com uma expressão confiante, com um dos cantos da boca revirado, mantendo-me firmemente presa debaixo do seu corpo — um gesto possessivo bastante característico do meu Ethan.

— Vamos casar-nos.

Eu fiquei a olhar para ele, perfeitamente convencida de que aquelas palavras tinham saído de uma novela romântica. Só podia estar a sonhar. Esperava eu.

Ele mudou de posição em cima de mim e acabou de vez com essa ideia.

*Minha Nossa Senhora!*

— Faz todo o sentido — disse ele, com um sorriso lento. — Fazemos um anúncio que será amplamente divulgado, tu mudas-te oficialmente para minha casa e informas toda a gente de que o teu noivo está no ramo da segurança...

— Estás louco? — atalhei eu, interrompendo-o. Vi os seus olhos percorrem o meu rosto, como que a avaliar a minha reação às suas palavras. — Eu não posso casar-me, Ethan. Não quero casar-me. Ainda estou a habituar-me a estar numa relação. É demasiado cedo para pensarmos sequer em algo semelhante...

Ele sorriu, com um ar absolutamente calmo e confiante.

— Eu sei que é cedo demais, amor, mas ninguém precisa de saber isso. Para eles estás prestes a casar com um antigo oficial das Forças Especiais e destacado CEO da Blackstone Inc. Seja quem for que ande por aí com ideias, vai perceber claramente que tem de se afastar de ti, que não te poderá tocar seja de que maneira for, e que não poderá aproximar-se de ti nem para te piscar o olho, muito menos para te enviar ameaças como aquela porcaria de ontem à noite. — Beijou-me suavemente, parecendo bastante orgulhoso de si próprio. — É um plano brilhante.

Eu limitei-me a olhar para ele, perfeitamente convencida de que ele era o produto de um sonho qualquer fantástico que eu estava a ter.

— E também desonesto, Ethan. Já pensaste que me estás a pedir para mentir? Levar as nossas famílias e amigos a acreditar que nos conhecemos há dois meses e nos vamos casar?

Ele ficou rígido sobre mim e crispou os maxilares, com aquele ar teimoso dele.

— Quando se trata de te proteger, faço o que for preciso. Não quero correr riscos contigo. É demasiado tarde para isso. Eu disse-te que apostava tudo e isso não mudou nas últimas horas.

Estava com uma expressão intensa, bastante intimidante, mesmo na penumbra. Eu tentei explicar-me:

— Bom, os meus sentimentos também não mudaram, mas isso não significa que possamos...

Depois emudeci, tentando assimilar o que ele me acabara de dizer com toda aquela confiança — que seria boa ideia casarmos — como quem decide comer mais verduras ou usar protetor solar. Não pude deixar de pensar se o problema de estômago que tivera nessa noite me estaria a provocar alucinações.

— Não há razão para não casarmos — disse ele, continuando a observar-me atentamente. Parecia um pouco melindrado, o que me fez sentir um nadinha arrependida, mas apenas por alguns instantes. O que ele estava a propor-me era uma absoluta loucura. Como poderia eu concordar com um casamento, baseado na necessidade de me proteger de uma misteriosa ameaça anónima com propósitos desconhecidos, se ainda mal conseguira assimilar o facto de estar apaixonada por um homem que invadira descaradamente a minha vida, há dois meses, sem pedir desculpa por isso?

— Eu... eu... tu não estás bom da cabeça neste momento! Tens a noção do que estás a propor, Ethan?

Ele anuiu com a cabeça, com o rosto a escassos centímetros do meu. Também não fazia ideia do que ele estava a pensar naquele

momento. Ele queria levar a sua avante, dava para perceber isso, mas o mais surpreendente eram as suas motivações. Eu sabia que ele me amava, pois fazia questão de dizê-lo a toda a hora, e sabia que os meus sentimentos por ele eram os mesmos... mas... *casar*? Nada poderia ser mais chocante para a minha frágil estrutura emocional. Não era certamente uma esposa que o Ethan queria. Era cedo demais.

— Sim, Brynne, sei perfeitamente o que acabei de te dizer. — Manteve uma expressão neutral mas firme, sem deixar transparecer nada.

— Queres casar com uma mulher que conheceste há oito semanas, que tem pavor de relações e... e um passado completamente marado...

Ele calou-me com um beijo dominador, que não deixava qualquer espécie de dúvidas quanto à seriedade da sua proposta. *Meu Deus, estarei no Mundo Bizarro?* Deixei-o tomar a minha boca de assalto durante alguns instantes. Depois levei a mão à sua nuca, puxei-a para trás e aninhei o seu rosto nas minhas mãos, procurando de novo os seus olhos.

— Amor... o que aconteceu hoje à noite assustou-me — sussurrou ele. — Eu não planeei isto. Sei apenas o que faz sentido para mim. Quero-te comigo. Já não vais precisar de um visto de trabalho. Podes viver aqui e trabalhar em Londres em algo da tua especialidade. Terás tempo para procurar o emprego ideal sem teres de lutar contra as leis da imigração, e o mais importante é que vamos poder estar juntos. É isso que eu quero. Posso proteger-te como teu marido. Assim poderei assegurar sempre a tua proteção. Faria qualquer coisa para te manter segura. Eu amo-te e tu também me amas, certo? Qual é o problema? É a solução ideal. — Inclinou a cabeça e franziu-me os olhos como se eu estivesse a ser illogicamente estúpida.

— Apesar do que sinto por ti, não me sinto de todo preparada para isso, Ethan.

— Eu também não me sinto preparado e acho o momento horrível, mas creio que é a única opção válida que temos. — Puxou-me suavemente o cabelo para trás, com um gesto carinhoso. — Eu estou disposto a isso... e acho que tu devias, pelo menos, ponderar o assunto. — Olhou-me de sobrelance arqueada. — Não quero voltar a passar por um episódio semelhante ao de hoje na Galeria Nacional.

Eu comecei a protestar, mas ele silenciou-me com outro daqueles beijos insistentes típicos dele. Prendeu-me por baixo do seu corpo e empurrou-me contra o colchão macio, introduzindo habilmente a língua na minha boca. Permiti que ele me beijasse e deixei-me flutuar por instantes, fazendo o possível para assimilar o que ele me dissera.

— Por agora, quero apenas que penses no assunto, sem ficares toda enxofrada e preocupada. O nosso noivado poderá ser longo, mas será o anúncio que chamará a atenção das pessoas. Tivemos uma noite difícil e há muita coisa por esclarecer, mas apesar de tudo estamos juntos e isso não vai mudar. — Beijou-me na testa. — Vais mudar-te para minha casa.

Eu limitei-me a olhar para ele e a ouvir as suas palavras.

— A última parte não é um pedido, Brynne. O que aconteceu hoje à noite foi uma absoluta insanidade e nós não podemos continuar a viver separados.

— Meu Deus, o que vou eu fazer contigo? — Contive um bocejo e percebi que o comprimido me estava a deixar sonolenta. Não iria conseguir manter aquela conversa por muito mais tempo. Passou-me pela cabeça que ele pudesse ter usado isso a seu favor. Por alguma razão Ethan era hábil no póquer.

— Tu estás exausta e eu, muito francamente, também estou.

Bocejei de novo e concordei com ele.

— De facto, estou... mas continuo a não saber sequer o que dizer sobre o que me estás a propor — disse-lhe eu, dirigindo-me aos seus olhos, apenas a escassos centímetros dos meus.

Ele aconchegou-me ao seu corpo e enterrou o rosto no meu pescoço, preparando-se para dormir.

— Agora vais dormir, vais pensar no assunto... vais confiar em mim... e mudar-te oficialmente para minha casa.

— Assim, sem mais nem menos? — perguntei eu.

— Assim, sem mais nem menos. — Roçou-me os lábios pela nuca. — É simplesmente como tem de ser. — Senti a sua barba arranhar-me a pele, ao encostar mais a cabeça. — Adoro-te, amor. Agora dorme.

Era maravilhoso sentir os seus braços fortes à volta de mim, apesar de achar que o meu adorado homem perdera por completo o juízo. Mas saber que ele me amava a ponto de fazer algo tão drástico por mim, só para me manter protegida, transformou o meu meio sorriso em algo *absolutamente fabuloso*, nas palavras do meu amante perseverante.

Nessa altura adormeci, segura nos seus braços.



## Capítulo 2

*Quando saíamos em patrulha, víamos coisas horríveis. A democracia é algo que a maior parte das pessoas nunca chega a valorizar. Suponho que seja uma bênção para uma boa parte do mundo, mas continua a ser matéria de reflexão para aqueles que nem sequer sabem a sorte que têm. O que mais me incomodava era o incrível desperdício de potencial. As pessoas oprimidas e aterrorizadas têm muito pouco potencial — exatamente o estado em que os ditadores do terceiro mundo gostam de as ver.*

*Já a tínhamos visto antes a mendigar pelas ruas de Kabul, mas nunca com o rapaz. Os militares estavam proibidos de interagir com as mulheres afegãs. Era demasiado perigoso e não apenas para as tropas, mas os homens excitados são as criaturas mais previsíveis e estúpidas do planeta. Iam à procura de mulheres e arranjavam quase sempre sarilhos. Era razoável supor que ela fosse uma prostituta. Havia bordéis em Kabul, embora não fossem muito comuns. Nem morto me apanhariam num, mas alguns dos homens corriam esse risco. Só pensavam com o pénis, os imbecis. Eu desenrascava-me com o porno e uma ou outra queca, à socapa, com uma «companheira» alistada. Eu era razoavelmente interessante e recebia bastantes propostas das militares. Para se ter sexo na base era essencial ser discreto. As tropas femininas tinham razão para ser cautelosas, pois eram em muito menor número do que os homens.*

*A mulher chamava-se Leyya e sofreu uma morte desumana. Os Talibãs executaram-na pelos seus crimes na praça principal. O crime de trabalhar para alimentar o filho. O choro da criança alertou-nos para*

*a situação. Tinha uns três anos e estava sentado no meio da rua, numa poça de sangue da mãe. Mais tarde, interroguei-me se alguém na cidade o teria ido buscar ou se o teriam abandonado à morte, ali mesmo, junto do corpo profanado da sua mãe. Mas acabou por se tornar irrelevante.*

*Quase enlouqueci por ter de o deixar ali, enquanto se excluía a possibilidade de se tratar de um bombista suicida. Demoraram horas. Fui eu que fui tirá-lo de junto do corpo dela. Aproximei-me rapidamente e peguei nele. Ele não queria sair dali e agarrou-se à burka dela, descobrindo-lhe o rosto quando o ergui. Tinham-lhe cortado a garganta de orelha a orelha. Estava quase decapitada. A minha esperança é que fosse pequeno demais para se lembrar de ter visto a mãe naquele terrível estado.*

*Logo a seguir, tive uma sensação horrível. Fui percorrido por um calafrio enquanto corria com ele nos braços. Depois, ele parou de chorar subitamente. Senti a deslocação de ar junto do ouvido e depois... vi sangue, demasiado sangue para um corpo tão pequeno. Momentos depois foi o inferno...*

— *Estás a sonhar, amor* — disse-me uma voz suave ao ouvido.

*Virei-me na direção daquela voz, tentando a custo encontrá-la. A voz acalmou-me como nunca nada me acalmara antes. Eu queria aquela voz.*

*Depois voltei a ouvi-la.*

— *Ethan, estás a sonhar, amor.*

*Abri os olhos e arqueei ao vê-la, e ouvi as suas palavras.*

— *Estava?*

— *Sim. Estavas a murmurar e a mexer-te.* — *Ela levou a mão à minha nuca e olhou-me nos olhos.* — *Acordei-te porque não queria que sonhasses com nada de horrível.*

— *Foda-se. Desculpa. Acordei-te?* — *Sentia-me ainda desorientado, mas estava a recompor-me depressa.*

— *Não tem importância. Eu queria acordar-te antes que o sonho se tornasse... pior.* — *Pareceu-me triste e eu calculei que ela tentasse convencer-me a falar do sonho, como da última vez.*

— Desculpa — repeti, embaraçado, por ter acontecido de novo e a ter perturbado com isso.

— Não tens de pedir desculpa por sonhares, Ethan — disse ela, firmemente. — Mas gostaria muito de que me contasses sobre o que era.

— Oh, amor. — Puxei-a para mim e fiz-lhe festas no cabelo. Encostei os lábios à sua testa e inspirei. O simples facto de lhe sentir o cheiro ajudava-me imenso, tal como sentir-lhe os seios contra o meu coração galopante, ao abraçá-la. Ela era real e estava ali comigo, em segurança, naquele momento.

Eu estava com uma ereção. Sentia o pénis quente e rijo encostado à sua pele macia.

— Continuo a lamentar ter-te acordado — disse eu, nervosamente, procurando-lhe os lábios com os meus. Mergulhei impetuosamente a língua na boca dela, determinado a exigir mais. Ninguém me poderia ajudar naquele momento a não ser a Brynne. Ela era a minha única cura.

Lamentava que assim fosse, mas já antes acordara naquele estado com ela. Voltara a acordar a meio da noite a precisar de sexo para aplacar a ansiedade extrema em que ficara ao revisitar em sonhos sabe-se lá que lugar, desta vez.

— Não tem importância — disse-me ela, num tom de voz rouco, na minha boca.

A resposta dela encorajou-me. Excitou-me. Eu gostava de assumir o controlo, mas adorava que a Brynne me assegurasse que estava recetiva e me desejava tanto como eu a ela. Percebi instintivamente que sim. Essa era uma outra forma de comunicação entre nós. Quem me dera que a nossa relação fosse assim tão simples em todos os aspetos. Ambos assimiláramos rapidamente a parte do sexo. Desde o primeiro dia. Sim, o sexo entre nós sempre fora deliciosamente escaldante.

Rebolei para cima dela, afastei-lhe bem as pernas com os joelhos, abri-a e baixei a cabeça. Puxei as cobertas para trás e contemplei

o seu belíssimo corpo desejoso, o mesmo onde me iria enterrar profundamente dentro de um momento. *Obrigado, meu Deus.*

— Ótimo, pois preciso de te foder até que tu te venhas e digas o meu nome — disse ele da forma que lhe era própria. — Depois vou tirar o meu pênis da tua vagina divinal e foder a tua linda boca com ele. Verei os teus belos lábios a envolvê-lo e a chupá-lo até me secares por completo. — Os olhos dele brilharam. O seu peito es-cultural movia-se ao ritmo da sua respiração ofegante, ao colocar-se em posição. — Sim, amor, farei tudo isso.

O Ethan e a sua língua obscena. Era de loucos, mas aquela conversa porca provocava algo em mim.

Antecipando o que ele me ia fazer, contraí-me e gemi ao senti-lo penetrar-me, bem fundo, preenchendo-me e unindo-nos de tal forma que voltei a lembrar-me do que ele me dissera antes. Vamos casar. Não era uma pergunta, era uma ordem, como só o Ethan conseguiria impor com êxito, como tantas outras vezes fizera, desde que nos conhecíamos.

O Ethan segurou-me nos pulsos com uma mão e percorreu-me o corpo com a outra, penetrando-me com força, a um ritmo furioso, quase zangado, pela forma como o estava a fazer. Mas eu sabia que não era comigo que ele estava zangado. Era contra o sonho que lutava. Precisava de o tirar da cabeça. Eu percebia perfeitamente o que se estava a passar. Para mim não tinha importância. Eu era uma participante totalmente conivente com a sua forma de autodisciplina.

Ele afastou-me mais as pernas roçando-me tão habilmente o pênis no ponto certo que depressa dei comigo à beira do orgasmo. Senti os músculos contraírem-se, antecipando a explosão que me levaria ao céu numa supernova de calor e luz.

Ele beliscou-me o mamilo, que estava muito mais sensível do que era habitual e a dor cegou-me por instantes. Gritei ao sentir o orgasmo começar a percorrer-me o corpo. Ele lambeu-me a carne tenra para acalmar a dor e disse:

— Diz o meu nome! Preciso de o ouvir.

— Ethan, Ethan, Ethan! — sussurrei-lhe para os lábios e ele mergulhou a língua na minha boca, devorando-me as palavras. Eu estremei e contraí os músculos internos em torno do seu pênis, presa debaixo dele, sentindo-me totalmente possuída. Nada me poderia satisfazer mais. Era ele que controlava o meu prazer e nunca me decepcionava.

Mas ele ainda não tinha terminado. Eu lembrava-me do que ele me dissera antes.

O Ethan saiu de dentro de mim com um gemido terrivelmente primitivo. Eu protestei face à perda, mas congratulei-me quando ele me puxou bruscamente para baixo e senti a cabeça quente do seu pênis preencher-me a boca, enquanto ele reajustava o seu ponto de penetração. Sentia o meu sabor misturado com o sabor dele. O grau de erotismo era explosivo. Agarrei-lhe nas ancas e enterrei-o na boca, até ao fundo da garganta. Bastou-me chupá-lo algumas vezes para sentir o jato de sémen inundar-me a boca. Os seus gemidos eram carnis e transmitiam uma estranha vulnerabilidade para um ato tão dominante. Sentia-me sempre poderosa quando o Ethan se vinha. Porque era eu que o fazia acontecer.

Ele estava de olhos postos em mim, a observar tudo, como gostava de fazer. Era como se os nossos olhos nos unissem muito além do ato físico.

— Oh, meu Deus — sussurrou ele, ao sair da minha boca, deslizando por mim abaixo, e apertando-me contra si. Depois voltou a penetrar-me, desta vez delicadamente, fazendo deslizar o pênis para dentro do meu sexo, antes que a sua ereção desaparecesse. Sentia as batidas do seu coração misturadas com as minhas.

Agarrei-me a ele e deixei-o fazer as coisas à sua maneira. Ele beijou-me e acariciou-me durante muito tempo, e ficou um pouco mais dentro de mim, dizendo-me que me amava e fazendo-me sentir acarinhada. Eu entendia tão bem aquele homem. Sabia tão

bem o que mexia com ele. Entendia tudo... exceto a tal parte que ansiava por conhecer e sobre a qual nada sabia.

O lado negro de Ethan continuava a ser tão misterioso para mim como sempre fora.

— Adoro que me tenhas trazido aqui. — Voltei a sentir-me sonolenta, mas estava decidida a falar com ele sobre os pesadelos no dia seguinte. Sabia que ele não iria gostar, mas que se dane. Falaria à mesma. Será que ele sentia que eu o iria fazer? O Ethan tinha uma aptidão inquietante para prever as minhas intenções. — Amo-te.

Ele aninhou-me nos braços e acariciou-me o cabelo. Inalei o seu odor pungente, misturado com o cheiro a sexo e água-de-colónia e deixei-me ir, sabendo estar nos braços do único homem que me conseguira convencer a lá ficar.

Ao amanhecer, desembarcei-me muito cuidadosamente do corpo entrelaçado no meu. O Ethan limitou-se a suspirar contra a almofada e aconchegou-se mais nos cobertores. Tinha forçosamente de estar exausto depois daquele incidente stressante na Galeria Nacional e a viagem de três horas ao longo da costa logo a seguir, não descartando o tempo gasto em sexo desde que ali chegáramos nem o seu pesadelo, nem o sexo depois disso. O seu olhar e o exercício silencioso de domínio eram uma réplica da noite do primeiro pesadelo. Eu sabia o que sabia e o encontro sexual decorrente não fora tão intenso como o anterior, mas eu sentia que o Ethan fizera um grande esforço para controlar as suas reações e não se perder tanto como da última vez. Meu pobre querido. Jamais lho diria, mas doía-me vê-lo sofrer; mais ainda pelo facto de não poder fazer nada para o ajudar, por ele não querer partilhá-lo comigo. Os homens eram frustrantes como o raio.

Ensaboei-me no duche, esfregando a pele, ainda um pouco frustrada, e fiz o possível por me despachar. Queria vestir-me e sair do quarto sem acordar o Ethan pois sabia que ele estava muito precisado de dormir.

Meti o telefone no bolso das calças de ganga e saí do quarto em bicos de pés, fechando suavemente a porta atrás de mim. Parei e olhei para o fundo do corredor da ala onde ficava o nosso quarto, num dos cantos da propriedade. Aquela casa era algo do outro mundo. Vi nela traços de Pemberly<sup>2</sup>, a casa do Sr. Darcy, e uma pitada de Thornfield Hall<sup>3</sup>, a mansão do Sr. Rochester. Mal podia esperar pela visita guiada e continuava fascinada pelo facto de a propriedade pertencer à irmã de Ethan e ao marido.

Desci as escadas até meio, detendo-me num extraordinário patamar. Na parede estava uma pintura absolutamente assombrosa. Um quadro gigantesco de um artista que eu conhecia bem. Um retrato criado pela mão de *Sir* Tristan Mallerton, pendurado na parede de uma casa particular. Uau, sinto-me completamente deslocada nesta família.

Tirei o telefone do bolso e liguei à Gaby.

— Não vais acreditar no que eu tenho diante dos meus olhos.

Ela atendeu com um «estou» sonolento que só podia ser a voz da minha companheira de casa, mas nada tinha a ver com o seu tom habitualmente confiante.

— Ah, sim? O que é? É um bocadinho cedo, não é?

— Desculpa, Gab, mas não resisti. Se visses isto babavas-te... oh, meu Deus... tenho um gigantesco Mallerton de meados do século a menos de meio metro de mim. Podia esfregar as mãos nele, se quisesse.

— É melhor não o fazeres, Bree. Conta-me tudo — exige-me ela, já mais igual a si própria.

— Bom, deve ter uns dois metros de altura e um metro e vinte de largura e é absolutamente deslumbrante. É um retrato de família de uma mulher loira, com o marido e os dois filhos, um rapaz e uma rapariga. Ela tem um vestido cor-de-rosa e um colar de

<sup>2</sup> Propriedade fictícia de Fitzwilliam Darcy, protagonista masculino da novela *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. [N. do T.]

<sup>3</sup> Casa de Edward Fairfax Rochester, protagonista masculino da novela *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. [N. do T.]

pérolas que parece saído da coleção das joias da coroa da Torre<sup>4</sup>, e ele parece apaixonado pela mulher. Meu Deus, é lindo.

— Hum... Assim de repente, não consigo identificá-lo. Podes pedir para tirar uma fotografia para eu o ver?

— É o que farei, assim que encontrar alguém a quem pedir.

— Consegues ver a assinatura dele?

— Claro. Foi a primeira coisa que procurei. Está no canto inferior direito. T. Mallerton, na sua inconfundível letra de imprensa. É verdadeiro, sem sombra de dúvida.

— Uau — disse a Gaby, num tom de voz muito pouco entusiasmado.

— Está tudo bem contigo? A noite de ontem foi uma loucura e eu não voltei a ver-te depois de aquele alarme tocar. Eu não me sentia bem e o Ethan estava altamente stressado por causa de outra coisa que aconteceu.

— Tipo o quê?

— Hum, ainda não tenho a certeza. Chegou uma mensagem estranha ao meu antigo telefone e era o Ethan que o tinha na altura. A pessoa mandou uma mensagem escrita amalucada e a música... a música daquele vídeo que fizeram comigo.

— Merda. Estás a falar a sério?

— Receio bem que sim. — Só de lhe contar senti uma impressão no estômago, mas não queria pensar nisso naquele momento. A evasão resultara bem no passado. Certamente que iria voltar a resultar.

— Não admira que o Ethan estivesse stressado, Bree. E tu, porque é que não estás?

— Não sei. Quero acreditar que ninguém anda atrás de mim e que isto é apenas uma coisa sem importância que irá terminar depois das eleições. O Ethan está em cima do acontecimento, acredita.

— É bom que alguém esteja — resmungou ela. Decidi então que não lhe falaria da «proposta» do Ethan na noite anterior.

<sup>4</sup> As joias da coroa inglesa são guardadas na Torre de Londres [N. do E.]



Precisava de um belo café para enfrentar um assunto dessa magnitude. Seria também melhor não lhe contar já que o Ethan me fizera um ultimato para que eu me mudasse para casa dele. A Gaby não se fazia rogada em dar a sua opinião sobre nada e eu não estava com disposição para ouvir a algazarra que isso iria provocar.

— Ei — disse eu —, não respondeste à minha pergunta. Estás bem? A noite de ontem foi tão confusa. Bem sei que trocámos mensagens escritas e não houve problemas, mas ainda assim...

Silêncio.

— Gabrielle? — perguntei eu de novo, acentuando a intensidade da pergunta ao tratá-la pelo nome completo.

— Estou bem. — Estava com um tom monocórdico e eu percebi que ela estava a esconder-me alguma coisa.

— Para onde foste? Eu queria apresentar-te ao primo do Ethan, mas é claro que não foi possível.

— Eu distraí-me... depois o alarme tocou e eu tive de sair como todos os outros. Esperei na rua durante algum tempo até receber a tua mensagem. Assim que soube que estavas em segurança, chamei um táxi e fui para casa. Só queria tomar um duche e dormir. Foi uma noite estranha. — Parecia mais igual a si própria, mas fiquei desconfiada que estava a contar-me uma história. — O Benny também telefonou. Viu o incidente nas notícias e estava preocupado connosco. Falei com ele durante bastante tempo.

— OK... se tu o dizes. — A Gaby era teimosa e se não estava com disposição para falar de alguma coisa, não seria pelo telefone que eu iria lidar com o assunto. Teria de falar com ela pessoalmente.

— Mas eu até gostaria de conhecer o primo do Ethan com a casa cheia de Mallertons um dia destes. Talvez possas combinar isso — disse ela. Dir-se-ia uma oferta de paz.

— Sim, talvez. Vou tratar disso com o Ethan.

No instante em que disse aquelas palavras senti que já não estava sozinha. Virei-me e deparei-me com o rosto solene de uma rapariguinha linda, com uns olhos azuis que me lembravam imensamente um outro par de olhos que eu conhecia bem.

— Tenho de ir, Gab. Falamos mais tarde. Farei o possível para te mandar uma fotografia do quadro. Adoro-te.

Desliguei e voltei a guardar o telefone no bolso. A minha companhia continuava a olhar para mim muito séria. Eu sorri-lhe. Ela retribuiu-me o sorriso. Os seus caracóis escuros emolduravam um rosto, que me pareceu que viria a ser muito bonito. Estava morta por ver o Ethan com ela.

— Eu sou a Brynne — disse eu, estendendo-lhe a mão. — Como te chamas? — perguntei, embora já soubesse bem quem ela era.

— Zara — Pegou-me na mão e puxou-a. — Eu sei quem tu és. O tio Ethan ama-te e agora bebe cerveja mexicana por tua causa. Ouvi a mamã a dizer isso ao papá.

Não consegui conter uma gargalhada.

— Eu também sei quem tu és, Zara. O Ethan disse-me que admira muito a tua esperteza para lidares com os teus irmãos.

— Ele disse isso?

— Hum-hum — disse eu, acenando com a cabeça. Ela olhou-me maravilhada. — Onde vamos?

A Zara não partilhou essa informação comigo, mas eu deixei que ela me levasse consigo por salas e corredores até me deparar com as luzes de uma acolhedora cozinha, de onde me pareceu chegar às narinas um divinal cheiro a café.

— Mamã, encontrei-a — anunciou a Zara, puxando-me para dentro da sala.

— Bem vejo, meu amor — disse Hannah, uma beldade morena que só podia ser a irmã do Ethan. Ao responder à filha, dirigiu-me um sorriso, e eu julguei ver por instantes o Ethan na sua expressão. Eram sem dúvida parecidos, mas ela tinha mais do pai do que o Ethan, pensei. Hannah tinha o mesmo cabelo escuro e o mesmo

tom de pele, mas os olhos não eram azuis como os do Ethan. Tinha olhos cinzentos e era franzina, ao contrário do Ethan, que era musculoso e alto. Era interessante como a genética associava os genes de macho e fêmea de forma a criar combinações que faziam todo o sentido.

— Bem-vinda, Brynne. É um prazer conhecer-te — disse ela, avançando para mim, e avaliando-me brevemente. — Hannah Greymont, mãe da tua pequena captora e irmã mais velha de um homem que nunca imaginei que me colocasse nesta situação. Apercebi-me de que ele me reserva ainda muitas surpresas.

Eu ri-me do que ela disse e simpatizei de imediato com a sua honestidade, ao cumprimentarmos com um caloroso aperto de mão.

— Igualmente, Hannah. Há muito tempo que queria fazer esta viagem. O Ethan fala de ti com grande carinho. Conheci o teu pai, que é um charme, como já deves saber.

— É verdade. O meu pai é assim. — Deu-me uma caneca de café e apontou para mesa onde estavam as natas e o açúcar. — O E falou-me do teu vício por café. — Sorriu e piscou o olho à Zara.

— Obrigada. — Inspirei aquele aroma delicioso, e pisquei também o olho à Zara. — A tua filha informou-me de que o Ethan agora bebe cerveja mexicana e que a culpa é inteiramente minha.

Ela olhou para a miúda de boca aberta, fingindo-se horrorizada.

— Não pode ser!

A Zara riu-se.

— O meu irmão está praticamente irreconhecível, Brynne. Como conseguiste? E onde está ele, já agora?

Eu misturei açúcar e natas no café.

— Bom, para ser sincera, não faço a mais pequena ideia. O Ethan costuma ser bastante... determinado. Mas hoje não, pelos vistos — disse eu, rindo. — Estava completamente exausto e eu deixei-o dormir. A viagem de carro foi longa e a noite terminou de forma... estranha. — Olhei para a Zara que parecia estar a beber todas as nossas palavras e achei que quanto menos falasse melhor.

As crianças ouvem tudo e eu mal conhecia aquelas pessoas, apesar da simpatia com que me estavam a tratar.

— Sim, ele falou-me disso quando telefonou. — Encolheu os ombros e sacudiu a cabeça. — Há muita gente doida por aí, é verdade. A determinação do E não é novidade nenhuma para mim. Ele sempre foi assim. Mandão, teimoso... e bastante irritante em pequeno.

Eu limitei-me a sorrir e encostei-me ao balcão. Ela estava do lado oposto e parecia estar a fazer pão. A Hannah era uma cozinheira.

— A casa é... impressionante. Acabei de ligar a amiga com quem partilho a minha casa, toda entusiasmada com o Mallerton que têm pendurado na vossa escada.

— Encontrei o *Sir* Jeremy Greymont e a sua Georgina. São antepassados do Freddy... Foi Mallerton que o pintou, sim.

Eu anuí com a cabeça e bebi um gole de café.

— Eu estudo conservação de arte na Universidade de Londres.

— Eu sei. O Ethan contou-nos tudo acerca de ti — Hannah fez uma pausa e acrescentou —, para nossa surpresa.

Eu inclinei interrogativamente a cabeça e aceitei frontalmente o desafio.

— Ficaram surpreendidos por ele vos falar de mim?

Ela aquiesceu lentamente com a cabeça, com um ligeiro sorriso.

— Ah, pois, o meu irmão nunca nos falou de nenhuma rapariga e também nunca trouxe nenhuma namorada para passar o fim de semana cá em casa. Tudo isto — gesticulou com as mãos — me parece bastante atípico nele.

— Hum, para mim também é bastante atípico. É-me difícil dizer-lhe que não desde que o conheço. — Bebi mais um gole de café. — Impossível, aliás.

Ela dirigiu-me um sorriso.

— Bom, fico feliz por ele e também por poder finalmente conhecer-te, Brynne. Estou com a impressão que têm mais alguma coisa para nos contar, não?

Hannah colocou-o como uma pergunta e eu tinha de lhe dar o devido crédito por ser tão intuitiva, mas estava fora de questão revelar-lhe a proposta de casamento amalucada com que o Ethan me surpreendera durante a noite. Nem pensar nisso. Teríamos ainda de ter uma longa conversa sobre o assunto. Por isso, encolhi os ombros.

— O Ethan... sabe muito bem o que quer e nunca teve problemas em dizer-mo. Creio que tenho mais dificuldade em ouvir certas coisas do que ele em dizê-las. O teu irmão, às vezes, é bruto como uma rocha.

Ela riu da minha apreciação.

— Eu também sei isso. A subtileza não consta do seu léxico.

— Bem podes dizê-lo... — Reparei numa fotografia numa prateleira de um armário. Uma mãe com duas crianças, uma rapariga e um rapaz. *Quem serão...* Aproximei-me e examinei-a com atenção. Eram de certeza o Ethan e a Hannah, com a sua bela e jovem mãe. Estavam sentados num muro de pedra e pareciam quase estar em pose para fotografia, ou talvez alguém tivesse sido simplesmente a sorte de os apanhar num momento perfeito. — Isto são vocês os dois com a vossa mãe?

— Sim — disse Hannah, calmamente. — Foi tirada pouco antes de ela falecer.

Foi um momento estranho. Eu estava muito curiosa, e deixei-me absorver pela imagem do Ethan, com quatro anos, com a mulher que o trouxera ao mundo, mas também não queria ser indelicada e trazer-lhes recordações dolorosas. Ainda assim, a curiosidade era tanta que não consegui desviar os olhos dela. A Sra. Blackstone era incrivelmente bonita. Tinha um porte aristocrático e elegante, mas tinha um sorriso caloroso. Usava o cabelo preso em cima e estava com um casaco a três quartos, muito justo, cor de vinho, e botas altas, pretas. Tinha um estilo incrível, para a época. Não me apetecia desviar os olhos da fotografia. O Ethan estava encostado ao corpo dela, aninhado num dos seus braços, com a mão no colo

dela. Hannah estava sentada ao lado dela, do outro lado, com a cabeça inclinada na direção do ombro da mãe. Uma imagem enternecedora, captada no momento certo. Tinha imensas perguntas em mente, mas não me atrevia a fazê-las, pois pareceu-me que seria deselegante e intrusivo.

— Ela era encantadora. Consigo ver muitas semelhanças entre ambas. — A Hannah parecia-se de facto com a mulher na fotografia, mas era para o pequeno Ethan que me apetecia olhar durante muito tempo. O seu rosto redondo e inocente, o seu pequeno corpo, as calças curtas, a camisola branca. Apetecia-me abraçá-lo.

— Obrigada. Gosto imenso que me digam isso. Não me canso de o ouvir.

— Vocês são ambos parecidos com ela — disse eu, ainda de olhos pregados na fotografia. Apetecia-me pegar nela, mas estava demasiado hesitante para me aventurar a pedir-lha.

— O nosso pai ofereceu uma cópia desta fotografia a cada um de nós — disse Hannah, olhando-me interrogativamente. — Nunca a tinhas visto antes?

Eu abanei a cabeça.

— Não. Não está à vista no apartamento dele e também não a vi no gabinete dele, das duas vezes que lá fui.

Senti uma agulhada de dor ao falar no gabinete dele. A última vez que lá entrara, as coisas tinham descambado para ambos. Eu zangara-me e abandonara-o, sem querer ouvir nada do que ele tinha para me dizer. Nem mesmo «Amo-te». Lembrava-me do seu ar arrasado, do lado de fora do elevador, quando as portas se fecharam entre nós. Recordações desagradáveis e dolorosas. O Ethan não me pedira para lá passar, desde que reatáramos a nossa relação, e eu também não me dispusera a lá ir. Estranho. Era como se a ideia de lá estarmos os dois fosse demasiado incómoda para ambos, naquele momento. Talvez com o passar do tempo voltássemos a encarar os escritórios da Blackstone Security International, Ltd. como uma zona de conforto.

— Hum... interessante... Onde a terá metido? — A Hannah concentrou-se de novo no pão, erguendo um pano de uma tigela.

Eu bebi o meu café e continuei a examinar a fotografia.

— O Ethan deixou de falar durante quase um ano, depois da morte dela. Um dia parou simplesmente de falar. Creio que ficou em estado de choque quando percebeu que ela não ia voltar... e demorou algum tempo a aceitá-lo, mesmo tendo apenas quatro anos — disse a Hannah, docemente, enquanto amassava o pão.

Uau. Meu pobre Ethan. Doe-me ouvir aquela história. A tristeza das palavras de Hannah era intensa e eu fiz um esforço para não dar nenhuma resposta ignorante. Quem me dera saber como a mãe deles morrera.

— Não consigo sequer imaginar um momento tão difícil. Mas o Ethan fala com muito carinho de ti e do pai. Disse-me que se uniram mais e ficaram sempre juntos, depois de a vossa mãe morrer.

Hannah acenou com a cabeça enquanto trabalhava.

— Sim, é verdade. — Deu um murro na bola de massa e voltou a cobrir a tigela com o pano, para deixar a massa levedar um pouco mais. — Creio que o facto de ter sido repentino acabou por ser bom. Não houve nenhuma doença prolongada, nem pensamentos tristes sobre o que não se podia modificar. Com o tempo, o Ethan adaptou-se e recomeçou a falar. A nossa avó era maravilhosa. — Sorriu tristemente, olhando para a Zara. — Morreu há quase seis anos.

Eu não sabia o que dizer, por isso fiquei calada e bebi o meu café, esperando que ela me revelasse mais sobre a história da família.

— Um acidente de automóvel a altas horas da noite. A mãe e a minha tia Rebecca vinham para casa depois do funeral do avô. — A Hannah virou-se para a Zara, que descera da sua cadeira e estava a sair da cozinha. — Não acordes o tio Ethan, meu amor. Ele está muito cansado.

— Está bem — respondeu ela à mãe, olhando para mim e acenando-me com a mãozinha.

Senti o coração derreter e retribuí-lhe o aceno, piscando-lhe o olho.

— Que criança adorável. É tão independente. Adoro isso.

— Obrigada. Às vezes dá que fazer, pois é demasiado curiosa. Eu sei que ela vai tentar tirar o Ethan da cama, para ele a apapariçar com guloseimas.

Ri-me só de imaginar a cena. Esperava poder lá estar para assistir.

— Vocês têm mais dois filhos, ambos rapazes, segundo me constou. Não sei como conseguem fazer tudo.

Ela sorriu como se pensar nos filhos lhe desse bem-estar. A Hannah parecia ser uma excelente mãe e eu admirei-a por isso.

— Tenho muita sorte com o marido que tenho, e adoro receber hóspedes. Conhecemos muita gente interessante. Há alguns que gostaríamos de não voltar a ver, mas de uma forma geral não é mau de todo — disse ela, num tom brincalhão. — Há dias em que não sei o que seria de mim sem o Freddy. Ele levou os rapazes a um pequeno-almoço de caridade dos Escuteiros, para se oferecerem como voluntários. Daqui a pouco estarão em casa e tu poderás conhecer o resto do clã.

— Não têm outros hóspedes?

— Este fim de semana, não. Só tu e o meu irmão. A propósito: o que queres para o pequeno-almoço?

Eu aproximei-me e fiquei a vê-la amassar o pão.

— Por agora, o café é o suficiente. Vou esperar pelo Ethan. Queres que te ajude com o pão, entretanto? Adoro fazer bolos. Seria como uma terapia para mim depois de toda aquela loucura ontem à noite.

Ela sorriu-lhe, agradada, afastando uma madeixa de cabelo com o pulso dobrado.

— Estás contratada, Brynne, Os aventais estão pendurados na porta da despensa. Conta-me tudo acerca da loucura de ontem à noite.



— Foi fácil — disse eu, enquanto ia buscar o avental.

— Não sou tontinha. Aprendi ao longo dos anos que a ajuda é sempre bem-vinda. — Fitou-me com uns olhos cinzentos afetuosos. — Nem precisas de perguntar duas vezes.

## Capítulo 3

Não sei o que me compeliu a abrir os olhos. Provavelmente o bafo que senti no rosto, com um ligeiro odor a geleia. Agora entendo porque é que os filmes de terror com crianças são os mais apavorantes. Nada se compara à imagem de um criança silenciosa a olhar para nós enquanto dormimos ou, pior ainda, a sensação de acordar com ela a olhar para nós.

Ocorrem-nos imediatamente questões, tipo: há quanto tempo estás aí a vigiar-me, como uma das infelizes irmãs Grady do *The Shining*?

Eu fiquei absolutamente apavorado durante dois segundos.

Depois vi-a sorrir.

— O tio Ethan está acordado! — gritou ela a plenos pulmões, correndo para a porta e escancarando-a.

— Zara! Fecha a porta, por favor. — Sentei-me com cuidado, plenamente consciente de que estava nu, fazendo o possível para compor os cobertores. Percebi também que estava sozinho na cama, por isso, inclinei-me e olhei na direção da casa de banho, à procura da Brynne.

Nem sombras dela.

— Ela está lá em baixo a falar com a mamã. Estão a beber cafés — disse a Zara, voltando a espreitar para dentro do quarto.

— Ah, sim? — disse eu, perguntando a mim mesmo porque carga de água me ferrara a dormir, e há quanto tempo estaria a minha sobrinha a observar-me. Escala de pavor? Doze.

A Zara acenou solenemente com a cabeça.

— Há séculos que foi lá para baixo.

— O que achas dela?

Ela ignorou a minha pergunta e inclinou a cabeça.

— Casaste com ela, tio Ethan?

Devo ter ficado de olhos arregalados, porque a Zara percorreu-me com o olhar, enquanto esperava que eu lhe respondesse.

— Hum... não. A Brynne é minha namorada.

— A mamã e o papá são casados.

— Pois são. Eu estive no casamento. — Sorri-lhe, desejando poder sair da cama e vestir alguma roupa, mas ela encurralara-me ali.

— Porque dormes nu?

— Desculpa? Preciso de me vestir, Zara...

— O papá não dorme nu como tu. A Brynne é simpática. Levas-me a comer um gelado com o *Rags*? Ele adora gelado e eu deixo-o lambê-lo. A mamã diz que é uma porcaria, mas eu deixo à mesma. A mamã disse para eu não vir aqui, mas eu fartei-me de esperar que tu acordasses. Tu és o único que ainda está a dormir.

Inacreditável. Aprisionado na cama por uma miúda de cinco anos. Restava-me ouvi-la e deixar-me encantar pela sua ladainha de observações, opiniões e pedidos, esperando descobrir uma forma de sair dali. Ela deitou-me um olhar indignado com o comentário final, como quem diz: *O que raio se passa contigo, tio Ethan?* E eu teria de concordar com a coerência dos seus cinco anos, pois tudo se estava a passar comigo.

— OK, vamos fazer o seguinte, menina Zara: verei o que posso fazer acerca do gelado com o *Rags* se tu saíres para eu me poder levantar e vestir. — Arqueei expressivamente uma sobrancelha.

— Combinado?

— E a mamã? — disse ela de súbito, exatamente com a mesma expressão. Um dia, ela jogaria póquer com os melhores, sem dúvida. A minha sobrinha era magnífica.

— Quanto menos a tua mãe souber acerca de gelados melhor — disse eu, perguntando a mim mesmo daí a quanto tempo

sofreria as consequências daquela afirmação. Provavelmente, assim que ela descesse as escadas, mas se isso me permitisse ficar sozinho imediatamente, valia a pena.

— Combinado. — Sondou-me exaustivamente com os seus olhos azuis, antes de se encaminhar para a porta, como quem diz: *É bom que desças depressa, senão volto cá cima.*

— Eu desço já — insisti, com uma piscadela de olho.

Depois de ela sair, esperei alguns instantes antes de me levantar. Coloquei uma almofada à frente e dei uma corrida para a casa de banho, trancando a porta antes de me meter no duche. A última coisa que desejava era ser apanhado por uma criança de genitália ao léu. Então, a Brynne já estava lá em baixo a falar com a Hannah... Pensei no que estariam a dizer de mim e resolvi despachar-me.

O duche estava a saber-me bem. A água morna ajudou-me a limpar as teias de aranha. *Que raio de sonho aquele, ontem à noite.* O facto de ter tido outro pesadelo na presença de Brynne irritou-me bastante, e embora me sentisse aliviado por não ter sido tão mau como da última vez, detestava estar a reviver merdas com as quais não queria lidar naquele momento. Ela voltaria a querer falar sobre o assunto... *Eu ainda não estou preparado.*

A minha mão roçou-me pelo pénis enquanto me lavava, recordando-me o que fizera com ela depois daquele pesadelo. Em termos de sexo, ela aceitava tudo que eu lhe desse, sem protestos nem queixas, mostrando-se sempre recetiva e generosa e ajudando-me a combater o terror. *Ela faz isso porque te ama.* Não podia deixar de me interrogar se a reação dela teria alguma coisa a ver com o seu passado... As coisas que me contara acerca da violação e a forma como se sentia consigo mesma quando era mais jovem. A Brynne parecia-me quase sempre tão confiante que me era difícil imaginá-la destruída e vulnerável. A minha posição era simples. O passado dela não me interessava, pois não modificava em nada o que eu sentia por ela. Ela era a tal — a pessoa com quem eu precisava de estar. Agora a questão era apenas convencê-la

disso. *E eu vou convencê-la... porque a amo.* Puxei uma toalha fofa para me enxugar ao sair do duche.

Sorri para o espelho enquanto aparava a barba. A cara dela quando eu lhe dissera que devíamos casar. Que momento impagável. Devia ter gravado um vídeo com o telemóvel. O meu sorriso deu lugar a um sobrolho franzido ao pensar no vídeo que lhe fora enviado na noite anterior. Teria de contactar Neil durante o dia. Queria detalhes sobre o filho da mãe que andava a brincar com ela. Não brincaria por muito mais tempo, jurei para comigo mesmo.

Era quase doloroso fazer a retrospectiva desse momento, na noite anterior. As imagens sucediam-se na minha cabeça: a Brynne com o vestido azul-alfazema e o pendente que eu lhe oferecera pendurado ao pescoço; as perturbantes mensagens escritas e o vídeo; a ameaça de bomba; eu à procura dela em pânico; e, finalmente, ela a vomitar a beira da estrada. Meu Deus! Tudo aquilo fora uma absoluta loucura. Precisávamos de paz e sossego e eu estava decidido a assegurar-lo a ambos naquele fim de semana, nem que isso me custasse a própria vida.

Senti-me imediatamente culpado por ter sido tão exigente com ela na cama na noite anterior. Não fora propriamente um momento de paz e sossego para a minha miúda. Lembrei-me do meu desespero para a penetrar de novo... depois do sonho. *Foda-se!* Sentia-me grato pelo facto de não estar tão tenso como da última vez, mas ainda assim receava que tudo aquilo fosse excessivo, que *eu* fosse excessivo.

Por outro lado, a Brynne não me transmitira essa impressão, nem mesmo depois de eu lhe revelar o meu plano de anunciarmos o nosso noivado. Chamara-me maluco, é certo, mas não parecia de forma nenhuma estar zangada comigo, e ainda cuidou de mim *depois* disso, quando acordei devastado com mais um daqueles sonhos tortuosos onde tudo o que me acontecera de mau no Afeganistão se misturava com as minhas preocupações com ela. *Um sonho*

*completamente marado*. Ela dissera que me acordara porque não queria que o sonho se tornasse pior. E como lhe agradei eu?

Fodi-a outra vez.

Possuí-a violentamente e ela não só aceitou o que eu lhe fiz, como me entendeu. Disse-me que não havia problema. *Sim, ela ama-me de facto*.

Tinha plena consciência de que o contacto com a Brynne me acalmara, como nunca nada me acalmara antes. Ela era a única tábua de salvação a que eu queria agarrar-me quando estivesse naquele estado.

Só de me lembrar como a nossa sessão terminara, senti o sangue borbulhar nas veias e fiquei a pairar. Enquanto procurava roupa para vestir, cheguei à conclusão que andava a pensar demasiado em sexo. Por agora, o melhor seria mesmo arranjar uma distração. Quando voltasse a estar sozinho com ela, já nada me impediria de lhe pôr as mãos em cima. O contrário seria altamente improvável. Mais uma prova de que funcionávamos bem um com o outro e do motivo porque eu decidira ir até ao fim com a minha miúda americana. Nunca precisara tanto de ninguém como precisava dela.

Decidi incluir uma longa sessão de exercício no meu dia. Passar algum tempo a fazer apenas o trivial com a Brynne e a minha família, longe do trabalho e de outros problemas. Seria uma boa mudança. Queria também que Brynne apreciasse a sua estadia. Talvez ela alinhasse numa corrida ao longo do passeio marítimo. Esperava que ela se sentisse bem esta manhã. Vesti um fato de treino, calcei uns ténis e peguei no meu telemóvel.

Decidi falar com o Neil antes de descer. Acalmar-me-ia um pouco ligar-lhe. Às vezes, trocar algumas palavras sobre um caso tinha um efeito catártico.

— Hoje acordaste tarde, chefe — disse o Neil, depois de atender ao primeiro toque.

Eu resmunguei:

— Talvez já esteja acordado há horas, como é que podes saber?

— Duvido muito. Fiquei até surpreendido por não me ligares assim que chegaste ontem à noite.

— Poderia ter acordado mais cedo... se não estivesse tão cansado de conduzir e não tivesse dormido mal — retorqui eu. — Ah, é verdade, a Brynne sentiu-se mal e eu tive de parar à beira da estrada para ela vomitar.

— Meu Deus, que desagradável.

— Concordo. A noite foi toda ela bastante desagradável.

— O que se passa com ela?

— Não sei. Um problema de estômago qualquer. Também vomitou na galeria.

— Achas que alguém lhe pôs alguma coisa na comida ou na bebida?

Ponderei na ideia, embora esta me deixasse cego de raiva.

— Não posso descartar essa hipótese. Teremos também de investigar o Paul Langley. Ele tem o número antigo do telefone dela e estava na gala, embora agora utilize o número novo. Ele até lhe levou um copo de água. — Dava tudo para me fechar numa sala com aquele sacana. Tenho a certeza de que descobriria uma série de coisas. Tentei concentrar-me na minha conversa com o Neil. — A questão é que quem enviou a mensagem escrita estava lá. Talvez não estivesse lá dentro no evento, mas estava a ver-me fumar um cigarro, e o alarme disparou um ou dois minutos depois do envio do vídeo.

— Comprovaste que o Langley era quem dizia ser, quando o investigaste da primeira vez.

— Não me lembres disso, por favor. — Se aquele filho da mãe estivesse envolvido era um homem morto. Eu e a Brynne teríamos de conversar sobre a história dela com o Langley, e essa perspectiva parecia-me ainda mais desagradável do que o fiasco da noite anterior. — Vê o que consegues descobrir. Conseguiste localizar a chamada que foi feita para o telefone da Brynne? — Incumbira o Neil de investigar, pois não queria preocupar-me com a situação dela nem com o meu trabalho durante o fim de semana.

— Em parte. A chamada foi feita do Reino Unido. A pessoa que lhe telefonou estava muito provavelmente a observar-te em tempo real e não por *webcam*, nos Estados Unidos. Suponho que já tinhas considerado essa possibilidade.

— Foda-se. — Fumar um cigarro parecia-me uma ideia bastante apelativa naquele momento. — Era uma hipótese remota, mas tive esperança que não fosse daqui. Nesse caso não é o Oakley, porque ele está em serviço no Iraque. Dificilmente poderia andar a passear por Londres e a fugir a mísseis no deserto ao mesmo tempo. Também não é o Montrose, porque esse está a sete palmos do chão. Resta apenas o terceiro que aparece no vídeo. Esse cabrão será o próximo a ser investigado. Ainda não temos nenhuma informação acerca dele. Os dados pessoais estão acessíveis na *drive Q*. O essencial está lá. Importas-te de investigar um pouco sobre ele? Tenta descobrir o que tem feito ultimamente. Certifica-te de que não tem usado o passaporte. Hum... o nome dele é Fielding. Justin Fielding. Tem 27 anos e vive em Los Angeles, se a memória não me falha. Quero saber se ele também esteve no funeral do Montrose. Aposto que anda sumido...

— Já entendi, E — atalhou Neil. — Goza o teu fim de semana e tenta não pensar muito nesta merda. Eu tratarei de obter informação. Neste momento, tem-la aí a salvo e fora do circuito. Nada vai acontecer em Somerset.

— Obrigado. Fico-te muito agradecido. Ah, é verdade, importas-te de dar comida ao *Simba*?

— Ele não gosta de mim — disse o Neil, secamente.

— Ele também não gosta de mim, mas gosta de que o alimentem. Se não o fizeres vai começar a comer os companheiros do aquário.

— Está bem, eu alimento o teu peixe venenoso e mal-humorado.

— Não tens de lhe fazer festas, basta que lhe dêes um pouco de camarão liofilizado.

— Isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Aquela criatura é arraçada de piranha, tenho a certeza.



A imagem fez-me rir.

— Obrigado, meu corajoso soldado, por lutares por mim, alimentando o meu peixe.

— Não tens de agradecer.

— Cuida de tudo por mim. Sabes como me contactar. Estaremos de regresso à cidade na segunda-feira à noite.

Terminei a chamada e dispus-me a sair do quarto, ansioso por encontrar a Brynne. Era altura de ir à procura da minha miúda para saber em que sarilho me metera, por me ter portado mal à noite. Mas não estava muito preocupado. *O meu amor adora-me e eu dou-lhe tudo o que ela precisa...*

Ri-me da minha própria arrogância, abri a porta do quarto, e quase pisei a minha sobrinha.

A Zara estava sentada no chão, de costas para a parede, aparentemente à minha espera. Voltei a equilibrar-me e baixei-me, para ficar ao nível do seu rosto.

— Finalmente, saíste — disse ela, num tom enfadado.

— Desculpa. Tive de fazer um telefonema, mas já estou despachado.

Ela olhou-me com um ar esperançoso.

— Podemos ir buscar gelados, agora? Tu disseste que ias.

— Ainda é de manhã. Os gelados comem-se à tarde, creio eu.

Ela franziu-me o narizinho engraçado em resposta. Não me parece que concordasse com o meu ponto de vista pragmático.

Apontei para a minha face.

— A minha princesa favorita ainda não me deu as boas-vindas como deve ser.

Ela esticou os bracinhos e agarrou-se ao meu pescoço, beijando-me a face.

— Assim está melhor — disse eu. — Queres cavalinho? — perguntei, apontando para as costas.

— Sim! — disse ela, com um ar mais animado.

— Então, salta cá para cima — disse eu.

Ela agarrou-se ao meu pescoço e eu segurei-lhe as perninhas por baixo dos braços. Depois gemi, fingi levantar-me com dificuldade, e cambaleei contra a parede, com movimentos exagerados, mas com cuidado para ela não bater com a cabeça.

— Meu Deus, tu pesas muito. Tens comido muitos gelados, não? Ela riu-se e enterrou-me os calcanhares nos flancos.

— Anda, tio Ethan!

— Estou a tentar! — gemi eu, avançando cambaleante, e fingindo chocar contra as paredes. — Parece que levo um elefante às costas! Passaste de princesa a elefante?

— Não! — disse ela, rindo das minhas larachas e enterrando os calcanhares com mais força. — Anda mais depressa!

— Segura-te bem — disse eu. Descemos a grande escadaria aos guinchos e encaminhámo-nos para a área comum.

A minha irmã e a Brynne estavam à nossa espera quando aportámos na acolhedora cozinha. Tenho a certeza de que se riram às gargalhadas antes de nós chegarmos, mas foi a expressão da minha Brynne que mais gozo me deu. Estava de olhos arregalados, provavelmente perplexa por me ver brincar assim.

— Olá, Han — disse eu, aproximando-me para a beijar na face, ainda com a Zara às cavalitas, a apertar-me ligeiramente o pescoço.

— Olá, E — disse ela, abraçando-me. O seu pequeno corpo chegava-me abaixo do queixo, mas transmitiu-me o consolo de sempre. Eu perdera a minha mãe muito cedo, e a minha irmã mais velha assumira para mim o seu lugar em alguns aspetos. De resto, ela sempre me apapericara e ambos procurámos ajustar a nossa relação da única forma que sabíamos. Eu olhei para a Brynne e pisquei-lhe o olho. A Zara riu-se e começou a saltar em cima de mim, como se quisesse que o seu «cavalinho» continuasse a andar.

— Acordaste o tio Ethan, Zara? — perguntou a Hannah à filha, de sobranceira arqueada.

Eu senti a Zara abanar vigorosamente a cabeça e tive de conter o sorriso incriminatório que parecia prestes a espalhar-se-me pelo rosto.

— Ele abriu os olhos sozinho, mamã — declarou ela.

A Brynne deu uma gargalhada.

— Deve ter sido interessante. Tenho pena de não ter assistido.

— Zara — disse Hannah, repreendendo-a brandamente. — Eu disse-te para o deixares dormir.

— Não tem importância — disse eu à minha irmã. — Não devo ter perdido mais do que um ou dois anos de vida — disse eu, fingindo estremecer. — Lembras-te daquelas meninas do *The Shining*?

A Hannah riu-se e deu-me um murro no ombro. Depois, virei-me para a Brynne.

— Bom dia, amor. Parece que tenho um macaquinho às costas. — Que bom era ser brincalhão, para variar.

— Ah, desculpe, mas creio que não nos conhecemos. Será que viu o meu namorado por aí? — perguntou ela. — Chama-se Ethan Blackstone e é um tipo muito circunspeto, que raramente se ri, e que nunca andaria aos guinchos, a chocar contra as paredes de mansões históricas com macaquinhos às costas. — Fez cócegas na orelha de Zara, o que a fez rir mais ainda.

— Não, esse tipo não está cá. Deixámo-lo em Londres.

Ela estendeu a mão.

— Eu sou a Brynne. Prazer em conhecê-lo — disse ela com um ar muito sério.

Hannah conteve uma gargalhada atrás de mim. A Zara continuava aos saltos, mas ela arrancou-ma das costas. Eu agarrei na mão estendida de Brynne e levei-a aos lábios para a beijar. Olhei de relance para ela. Ela sorriu e cerrou os lábios com um olhar vítreo. E que lábios. Fazia magia com eles... *E eram meus, muito meus.*

A Hannah bateu-me ao de leve no ombro, por trás.

— Tu pareces o meu irmão, tens até a mesma voz, mas não podes ser ele. — Estendeu-lhe a mão. — Hannah Greymont. Quem és tu?

Eu dei uma gargalhada e revirei os olhos.

— *Tens de te divertir mais, E. Sai, vai conhecer gente. Descontra-te e desfruta um pouco da vida* — disse eu, imitando as palavras que ouvira da minha irmã, mais do que uma vez.

— Não me interpretes mal. Adoro ver-te brincar e rir desta maneira — disse a Hannah, levantando uma mão e apontando para mim. — Dá-me um minuto para assimilar tudo.

— Vais acabar por te habituar — disse-lhe eu, colocando um braço sobre a Brynne, beijando-lhe a têmpora, e inalando o aroma floral do seu champô. Cheirava sempre tão bem. — Como te sentes esta manhã, amor?

— Sinto-me lindamente — disse ela, abanando a cabeça. — Não sei o que foi aquilo ontem à noite, mas sinto-me perfeitamente bem, hoje. — Bebeu um gole de café. — A Hannah faz um excelente café.

— Faz, sim senhora — disse eu, aproximando-me para me servir também de café. — Já comeste?

— Não. Estava à tua espera. — Esta manhã, os seus olhos pareciam castanhos e a sua expressão parecia dizer que queria conversar sobre algumas coisas. Por mim tudo bem. Tínhamos muito que falar, e eu tinha de exercitar a minha capacidade de persuasão. *Vamos a isso.*

— Não precisavas de esperar por mim... mas tenho uma ideia, se estiveres interessada — disse eu, voltando para o lado dela com a minha caneca de café deliciosamente fumegante e aromático.

— E que ideia é essa, estranho-homem-parecido-com-o-meu-namorado-mas-que-não-é-ele? — Estava a provocar-me de tal forma, que me apeteceu pendurá-la ao ombro e voltar a subir as escadas até ao nosso quarto.

— Mas que engraçadinhas que vocês estão esta manhã — disse eu, fitando-as uma a uma, inclusive a miúda de cinco anos. — Onde estão os homens? Estou em séria desvantagem numérica aqui.

— Estão num evento de escuteiros. Estarão em casa depois do almoço — disse-me a Hannah.

— Compreendo. — Virei-me de novo para a Brynne. — Apetece-te uma corrida ao longo do passeio marítimo? É muito bonito e há por lá um café onde poderemos comer alguma coisa depois.

Todo o seu rosto se modificou, e ela assumiu uma expressão indescritível. Um misto de beleza e felicidade.

— Parece-me perfeito. Vou mudar de roupa num instante. — Recuou e retirou-se da sala, com um sorriso. Adorava vê-la feliz, especialmente quando eu fazia algo que a deixava feliz.

— Eu quero ir — disse a Zara.

— Oh, minha princesa, nós vamos correr até muito longe. Não dá para vires connosco esta manhã. — Voltei a baixar-me até ao rosto dela.

— Tu prometeste que podíamos levar o *Rags* e ir buscar... — A Zara não estava nada satisfeita com o tio Ethan. Nada mesmo, o que também me buliu com as entranhas. As meninas infelizes apavoravam-me e as grandes, por acaso, também.

— Eu sei — disse eu, olhando de relance para a Hannah que me revirou os olhos de braços cruzados. — Vamos à tarde, princesa. Lembras-te que eu te disse que é à tarde que se comem gelados — sussurrei-lhe eu ao ouvido. — A mamã está a olhar para nós. É melhor ires brincar com as tuas bonecas ou coisa do género, para ela não ficar desconfiada.

— OK — sussurrou ela alto demais. — Eu não conto que tu me vais levar a comer um gelado à tarde com o *Rags*.

Eu ri baixinho e beijei-a na testa.

— Linda menina. — Senti-me muito orgulhoso de mim próprio, por ter conseguido lidar com aquele pequeno problema tão bem. A Zara acenou-me com a mão, antes de ir brincar, e eu dei-lhe uma grande piscadela de olho. Depois, apoiei-me sobre os calcanhares e olhei para a cara de gozo da minha irmã.

— Estás quase irreconhecível, Ethan. Deu-te forte, não deu?

Voltei a pôr-me de pé e agarrei de novo na minha caneca, bebendo um grande gole de café antes de responder ao comentário dela.

— É só um gelado, Han.

— Eu não estou a referir-me às guloseimas que ofereces à Zara às escondidas e tu sabes muito bem.

Eu olhei-a nos olhos e disse-lhe:

— Sim, deu-me forte.

A Hannah sorriu-me carinhosamente.

— Fico feliz por ti, E, e estou empolgada por te ver assim, raios. Estás feliz... ela faz-te feliz. — Os olhos cinzentos de Hannah encheram-se de lágrimas.

— Ei, o que é isso? — disse eu, abraçando-a.

Ela abraçou-me com força.

— São lágrimas de felicidade. Tu mereces, E. Quem me dera que a mãe estivesse aqui, para te ver assim... — Calou-se, com a voz claramente embargada.

Olhei para fotografia de nós os três, na prateleira. Eu, a Hannah e a mãe sentados no muro de pedra da casa dos meus avós.

— Ela está aqui connosco — disse eu.

«Ethan Blackstone é a personagem masculina  
mais arrebatadora que já encontrei.»

**Colleen Hoover,**

autora bestseller de *Amor Cruel* e *Confesso*



A relação de Ethan e Brynne sobreviveu a todas as provocações até agora. Mas será que o passado de ambos não voltará para assombrar os seus esforços para acabarem juntos?

Enquanto Ethan faz o seu melhor para proteger Brynne das ameaças que se sucedem sem descanso, os seus próprios demónios continuam a consumi-lo e a impedi-lo de se abrir totalmente com a mulher que ama.

Com surpresas inquietantes e inimigos à espera de um momento de desatenção, Ethan tem de criar um plano para garantir a segurança da sua linda americana e conseguir, ao mesmo tempo, dar-lhe tudo aquilo de que ela precisa. Não vai hesitar para alcançar os seus objetivos.



Mais uma narrativa apaixonante sobre os limites que se podem ultrapassar quando duas pessoas percebem que pertencem uma à outra.

Leia os outros escaldantes livros da autora:



O CASO BLACKSTONE

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-51-9



9 789898 849519

Romance Erótico